

ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO NA 'TRILOGIA DA AMÉRICA' DE PHILIP ROTH – UM OLHAR DE PERTO E DE LONGE

Cassio Grinberg*

Resumo

O artigo discute aspectos da comunicação presentes na chamada 'Trilogia da América' do escritor americano Philip Roth. Composta pelos romances *Pastoral Americana* (1997), *Casei com um comunista* (1998) e *A marca humana* (2000), a trilogia possibilita por meio da estrutura da trama e do comportamento dos personagens um paralelo com fenômenos da comunicação social relacionados à proximidade, ao espetáculo e à moral. Ao final, uma perspectiva histórica ajuda a explicar o porquê da escolha desses temas por parte do autor.

Palavras-chave

Comunicação - Literatura - Philip Roth

Abstract

The paper explores communicational aspects related with the American writer Philip Roth's 'American Trilogy'. Presented by the novels *American Pastoral* (1997), *I married a Communist* (1998) and *The Human Stain* (2000), the trilogy makes possible through the structure of the plot and the behavior of the characters a parallel with social communicational phenomena related to proximity, spectacle and moral. At the end, a historical perspective helps to explain the reasons why the author chooses such themes.

Key Words

Communication - Literature - Philip Roth

Os fenômenos devem ser estudados sem cortinas. É quando nos colocamos de frente divisando o olhar, auscultando ruídos e respirando o hálito das incongruências de um tempo que podemos realmente senti-lo. Estamos tão perto, a ponto de tocar a textura de seu nervo, medir a temperatura e apreender o ritmo de sua verve pulsante. E, no entanto, não somos, em que pese a proximidade, capazes de enxergar um fenômeno em sua plenitude: nos falta a distância, a visão das alturas, a revelação das cores de um patos que só é patos para quem enxerga de fora.

A proximidade pode ser armadilha. Bakhtin (1992) chama a atenção de que embora não seja desejável estudar os fenômenos, particularmente os literários, desligados da totalidade cultural de uma época, é ainda mais perigoso encerrar a investigação ao vício dos ares de nossa contemporaneidade. Perdemos a chance de captar o percurso, perceber a estrada em toda a sua extensão. Sentimos o fenômeno até mesmo em sua forma tátil e, contudo, estamos tão próximos que deixamos escapar a oportunidade

de penetrar as profundezas de seu sentido, por mais paradoxal que possa parecer.

É colocando-se à beira desse paradoxo e ao mesmo tempo transitando entre as esferas do 'próximo' e do 'distante' que podemos trabalhar determinados fenômenos da chamada 'Trilogia da América' do escritor americano Philip Roth. Composta pelas obras *Pastoral Americana* (1997), *Casei com um comunista* (1998) e *A marca humana* (2000), a trilogia nos possibilita, seja pela escolha dos temas, dos personagens e conflitos ou mesmo por uma estrutura narrativa comum aos três romances – no caso a utilização de um narrador-personagem de papel geralmente secundário à trama e no entanto fundamental à conflitiva – uma análise de fenômenos ora próximos e ora distantes (e portanto fundadores) de inúmeros aspectos de nossa contemporaneidade.

Nathan Zuckerman, *alter ego* do autor e narrador dos três romances é, com poucas variantes, um escritor conhecido na faixa de sessenta anos que opta pelo isolamento após se recuperar de um câncer na próstata que o deixou

impotente e incontinente. Um judeu de classe média que passou a infância jogando beisebol e basquete em meio às ruas de Newark e que decide fixar residência nas montanhas de Madamaska, no estado da Nova Inglaterra, onde vive junto à literatura de Shakespeare e Hawthorne num silêncio quebrado apenas por um programa semanal de uma estação FM de jazz.

É partindo do diálogo entre os personagens Nathan Zuckerman e Jerry Levov que o autor constrói os fundamentos da trama.

Ocorre que as histórias sempre procuram o escritor. E são histórias invariavelmente ligadas às raízes da juventude de Zuckermann na década de 1940, seja por tratarem de personagens fundamentais à sua formação ou apenas caros à adolescência, ou por trazerem temáticas que servem de subtexto ao enorme roldão de conflitos vividos pelo narrador e pelos personagens que o cercam. E é nessas histórias, tratadas como relatos em que o *plot* emerge numa intensa superposição de revelações e épocas; em que os heróis iniciam a trama sempre mortos e vão sendo reconstruídos pelo depoimento de um parente muito próximo que procura e seduz o escritor a ponto de forçá-lo a se levantar de seu isolamento; em que o relato, à exceção de *Caséi com um comunista*, vai sendo montado de modo que ao final temos dois livros distintos escritos, um por Nathan Zuckerman e outro por Philip Roth – é nessas histórias que o autor vasculha certas questões da temática social da comunicação em nosso tempo.

DA PROXIMIDADE AO ESPETÁCULO

Em *Pastoral Americana*, Nathan Zuckerman reencontra a adolescência em dois momentos distintos. Em 1995 é procurado por Seymour Levov, o Sueco. O Sueco: um judeu alguns anos mais velho, exímio competidor em basquete, beisebol e futebol americano; um estudante da mesma escola secundária de Zuckerman onde “... entre os poucos estudantes judeus de boa compleição física (...) nenhum

possuía nada sequer remotamente parecido com a máscara viquingue implacável e a mandíbula enérgica daquele louro de olhos azuis nascido em nossa tribo com o nome de Seymour Irving Levov (Roth, 1997, pág. 11)”. Causador de frisson nas *cheerleaders* dos arredores de Newark na década de 1940, o personagem o procura aparentemente em bom estado de saúde aos setenta anos para que ele o ajude a escrever a biografia de Lou Levov, pai recém falecido e fundador da fábrica de luvas ‘Artigos de Couro para Senhoras Newark’, conhecido por muitos como autoritário porém segundo o Sueco um sujeito amargurado e destruído por “dissabores” que teriam atingido algumas pessoas bem próximas dele. Assim como Zuckerman, também o Sueco recém se curou de um câncer na próstata; ao pedido de escrever a biografia, Zuckerman recusa polidamente, sugerindo, praxe sua em tais situações, que o Sueco mesmo o faça.

O segundo momento, deflagrador da trama, se dá quando Zuckerman deixa seu isolamento ao receber um convite para comemorar os quarenta e cinco anos de formatura da escola secundária. Na ocasião, após escrever – e não proferir – um discurso pessimista, saudosista até, tendo por algumas horas circulado entre ex-colegas e rememorado fatos que o entusiasmassem por poucos momentos, reencontra o ex-colega de turma Jerry Levov, irmão do Sueco. E é por intermédio dele que fica sabendo da morte do Sueco dois dias antes. A partir daí, menos por culpa de ter recusado o pedido do que por curiosidade acerca do que poderia ter apreendido a respeito da história do ex-atleta, remexeu até descobrir que, ao contrário do que lhe dissera o Sueco, este não estava realmente curado do câncer na próstata. Fica sabendo também por Jerry Levov que embora o Sueco já constituísse uma nova família com esposa e três filhos adolescentes, e que ainda estivesse no comando da fábrica de luvas de couro do pai, na verdade a vida dele havia até então sido um tanto sofrida: seu primeiro casamento lhe rendera uma filha que, aos dezoito anos, em meio aos sabores dos movimentos de 1968, explodira, com o pretexto de afrontar o presidente Lyndon Johnson e “... trazer a Guerra de volta para a América (Roth, 1997, pág. 84)”, uma bomba numa agência de correios junto a um pequeno mercado nos arredores da cidade onde moravam, matando com isso o dono do mercado e se tornando uma foragida do FBI.

É partindo do diálogo entre os

personagens Nathan Zuckerman e Jerry Levov que o autor constrói os fundamentos da trama. Por meio da conversa com o irmão do Sueco, Zuckerman vai reunindo informações que lhe acompanham ao longo do que podemos definir como o início de seu período de isolamento. Então durante oito meses volta ao recolhimento para escrever um livro sobre o Sueco baseado no que imagina e em tudo aquilo que reuniu em apenas meia hora de conversa com Jerry Levov – um livro que ao final da estória estará pronto e que não mostrará a ninguém.

Ao contar a estória do casamento entre um ex-atleta judeu e uma candidata a Miss América de família de origem irlandesa e fervorosamente católica; da geração de uma filha com problemas de gagueira e exageradamente fixada no pai; da mudança para uma pequena cidade rural com trezentos habitantes em que a esposa do Sueco passa a cultivar gado e perto de onde ele monta a nova sede da fábrica do pai, um negócio que passou a conduzir desde o momento em que abandonou a promissora carreira esportiva – é a partir destes pilares iniciais que podemos traçar um paralelo com o tema dos distúrbios da percepção da distância. No momento em que o Sueco, a esposa e a filha saem para uma temporada de férias na praia e pai e filha passam o tempo inteiro juntos; no momento em que a filha de onze anos necessita de limites para sua sedução, para poder se relacionar *através* da sedução sem que se queira despir algo que segundo Baudrillard (1992) é muito complicado de se imaginar nu; no momento em que a menina gaga pede: “... pai, me beije do jeito que você b-b-b-beija a ma-ma-ma-mamãe (Roth, 1997, pág. 108)” e o pai resolve dizer “n-n-não” imitando o som da gagueira da filha, e em seguida a chama arrependido e a beija na boca com fervor, está instalada uma situação cujo patos já foi exaustivamente prevenido por toda sorte de variantes das teorias psicanalíticas e por meio da qual, para nos atermos ao foco da percepção dos limites da distância, podemos compor uma analogia com o que Baudrillard (1992) define como o excesso de proximidade atuando como causa de um comportamento inevitavelmente gerador do fim de toda uma sedução implícita na distância necessária entre as relações – neste caso entre filha e pai – e portanto do fim da própria sedução presente na expectativa de um destino oculto, uma surpresa que nunca pode ser revelada e que somente por isso conserva o ar de surpresa. Quando a surpresa é revelada, temos um destino

já não mais oculto e, por não poder existir de outra forma, um destino que já não existe mais.

E é a própria concretização, o fim da possibilidade da sedução que causa o início da ruptura familiar. O assunto do beijo é logo esquecido; as férias terminam, a fábrica de luvas prospera e, a despeito do problema da gagueira da filha, os Levov moram como uma família perfeitamente coesa numa enorme casa de pedra no campo. E, contudo, é justamente o problema da gagueira o que perturba a esposa do Sueco: é uma família de pais com corpos atléticos; o marido caminha no final de semana uma hora inteira para ir e outra só para voltar do mercado de onde traz mantimentos sortidos; a filha esqueceu o beijo do pai e transformou Audrey Hepburn no grande amor de sua puberdade. Quando a mãe quer tratar do problema da gagueira e a leva a especialistas e a filha se sente frustrada por não conseguir curar-se e assim agradar os pais, ela quer ao mesmo tempo puni-los. A menina que na verdade se sente imensamente infeliz por ter rompido, por ter sido *permitida* a romper com os limites da sedução e, portanto, descoberto que não há mais sentido algum em crescer como uma *filha* dentro daquela casa, se fecha no mundo de sua gagueira e provoca a inconformidade irreparável da mãe, incontinente até que o pai a contenha ao demonstrar a frustração da filha como se dela ignorasse os reais motivos.

O moralismo trabalhado por Maffesoli (2005) também está presente no clima que Philip Roth constrói no romance.

E então a menina cresce na enorme casa de pedra; passam-se os anos, e a filha da ex-candidata a Miss América e do ex-ponta de futebol do Estádio Municipal se torna uma menina gorda que discute política com o pai. Seu pensamento é cada vez mais radical; enquanto é contra a Guerra do Vietnã, enquanto o *mundo* dos jovens em 1968 é contra qualquer tipo de guerra, ela quer trazer a guerra de volta para a América. Encerrada em sua casa de campo e cultivando ao longo dos anos um comportamento de autodefesa, quando o mundo explode numa pseudo-revolução de amor livre que escapa do real justamente por não refazer



alicerce algum (Baudrillard, 1992), a menina de dezoito anos tem ao redor uma família “perfeita” encerrada na vida idílica de uma casa de pedra no campo de uma pequena cidade onde todos se conhecem e se cumprimentam no sábado pela manhã quando buscam mantimentos no mercadinho. E então ela vai e explode o mercadinho. Explode o mercadinho de onde o pai costuma chegar em sua beleza escultural depois de duas horas de caminhada ao sol, numa espécie de terrorismo que pode ser comparada ao que Baudrillard (2003) coloca sobre a queda das *Twin Towers*:

... a violência global também passa pela arquitetura, pelo horror de viver e trabalhar nesses sarcófagos de vidro, aço e concreto. O pavor de morrer aí é inseparável do prazer de aí viver. Por isso a contestação dessa violência também passa pela destruição dessa arquitetura (Baudrillard, 2003, pág. 13).

E se torna uma terrorista. Depois de modificar para sempre a arquitetura da pequena cidade, a arquitetura da *família*, a filha se torna uma foragida e decide sumir para sempre. Neste momento Philip Roth dá a entender que o que passa a ocorrer é fruto inseparável dos galhos da imaginação de Nathan Zuckerman, que se põe a narrar uma seqüência de fatos que passam pelo casal sendo hostilizado e recebendo ameaças de moradores inconformados; pelo pai sendo psicologicamente extorquido por informações falsas a respeito do paradeiro da filha; pelo mercado sendo reconstruído e o pai voltando a frequentá-lo e pela esposa viajando à Suíça em companhia do Sueco para submeter-se a uma cirurgia plástica e no retorno, após a recuperação, decidindo construir uma nova residência e tornando-se amante do arquiteto responsável pelo projeto – em todos esses momentos o que percebemos é um Sueco mais espectador do que ator; um Sueco que cede às extorsões de mentirosos; um Sueco que carrega um contêiner de culpa e que contempla o caso extra-conjugal da esposa de um modo que as palavras de Debord (1997) poderiam perfeitamente representar:

... a alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais aceita reconhecer-se nas

imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que os representa por ele (Debord, 2001, pág. 24).

E a alienação a que a narrativa faz referência, e que já está presente quando o Sueco abandona a promissora atividade esportiva para viver a vida do pai, trabalhar na fábrica do pai e ensinar o ofício do curtume exatamente com as mesmas palavras que aprendeu do pai – a alienação atinge o cume do espetáculo quando o Sueco descobre o paradeiro da filha e com isso vai atrás dela. Porque nesse momento ele encontra uma filha irreconhecível, uma jainista resignada transformada numa maltrapilha desdentada e fétida que confessa, ao ser pressionada pelo Sueco, que após o assassinato no mercadinho ela matou mais três pessoas. E o Sueco não consegue resgatá-la. Não consegue levá-la para casa e volta sozinho sem contar à esposa que encontrou a filha; volta à sua vida de porcelana até receber a notícia de que a filha está morta, justamente o que o irmão Jerry Levov contou a Nathan Zuckerman na reunião de quarenta e cinco anos da formatura da escola secundária, e que o motivou a contar a estória.

O tema do espetáculo volta a ser trabalhado por Philip Roth em *Casei com um comunista* (1998). Nesse romance, temos um Nathan Zuckerman já isolado nas montanhas em Madamaska mas ainda não afastado por completo das amizades. É quando recebe a visita de Murray Ringold, professor de inglês da escola secundária que aos noventa anos o procura para contar a estória do irmão Ira Ringold, um personagem decisivo na formação de Nathan Zuckerman. Ira Ringold é um judeu contestador que comanda um programa semanal de rádio intitulado “Livres e corajosos”, onde, através de esquetes em que representa a fala de Abraham Lincoln, incita temas polêmicos como a condenação à exploração dos operários e à supressão dos direitos dos negros. Ira conduz o narrador durante sua adolescência a toda sorte de comícios e reuniões de apoio a candidatos de oposição ao raciocínio “burguês”, sem nunca, contudo, assumir uma identidade comunista.

Segundo Debord (1997), “... qualquer um pode aparecer no espetáculo para exibir-se publicamente (pág. 174)”. Ocorre que o crescente sucesso do programa “Livres e corajosos” transforma Ira Ringold em Iron Rinn. É quando

ele começa a se relacionar com Eve Frame, uma famosa atriz do radioteatro americano que segundo a família de Nathan Zuckerman é uma judia do Brooklin chamada Chava Fromkin. Mas poucos sabem que Eve Frame é uma judia que na verdade despreza as fãs de sua comunidade e cuja filha a mantém numa espécie de relação prisioneira, em que a mãe se submete a todo o tipo de caprichos. Então Iron Rinn e Eve Frame se casam e Ira, um contestador fervoroso da burguesia, se vê convivendo junto a uma variada fauna de aristocratas dentro de casa, em jantares onde prefere deixar a mesa e descer à cozinha para incitar garçons e cozinheiros a se revoltar contra a situação a que segundo ele estão submetidos. Coincide com a época em que Nathan Zuckerman faz dezoito anos e vai se afastando de Ira, se afastando da literatura “revolucionária” sugerida por Ira e se aproximando cada vez mais de autores como Dostoiévski e Thomas Mann.

Então Zuckerman vai para a faculdade construir sua identidade de escritor. E apenas muitos anos após toma contato com tudo que se passou com o antigo mentor, isolado em Madamaska quando o irmão de Ira, Murray Ringold, o procura com a estória. Na época em que Ira e Eve Frame se casam, Ira quer um filho. Ela engravida, no entanto a filha a convence a abortar e ela o faz em segredo de Ira. Ira conserva um pavilhão fora da cidade onde passa alguns períodos vivendo perto dos operários, comendo o que eles comem e tentando levar a vida que eles levam e quando descobre o que a esposa fez, se isola no pavilhão. Depois regressa e se torna amante da melhor amiga da filha da esposa. Debord (1997) define o monopólio da aparência como um dos pilares do espetáculo, onde “... o que aparece é bom, o que é bom aparece (pág. 16-17)”. Enquanto todas as famílias judias de classe média de Newark julgam que Eve Frame e Iron Rinn perfazem o casamento dos sonhos da comunidade local, a esposa descobre o caso extra-conjugal do marido e é convencida por um casal de aristocratas destratados e ofendidos por Ira – um congressista de Eisenhower e uma colunista social de rádio – a publicar o livro *Casei com um comunista*. Nesse livro, de autoria de Eve Frame mas na verdade escrito a quatro mãos pelo casal inimigo de Ira, há um elenco de provas forjadas de seu envolvimento com o Partido Comunista, fato agravado quando Eve Frame delata uma suposta atividade subversiva dentro de sua própria casa

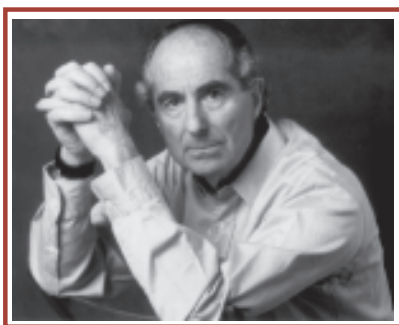
destruindo, com isso, o programa de rádio, a carreira de Ira e inclusive a carreira de Murray Ringold de professor de inglês na escola secundária, motivando-o muitos anos após a procurar Nathan Zuckerman para contar a estória.

LEITURAS DA MORAL

A ‘Trilogia da América’ também possibilita análises acerca do fenômeno da moral. Em *A marca humana* (2000), Nathan Zuckerman já está enfiado por completo em seu isolamento quando recebe a visita de Coleman Silk, um professor judeu de letras clássicas demitido da Universidade de Athena sob a acusação de ter empregado um termo racista em sala de aula. Ele procura Zuckerman imediatamente após a morte da esposa, pedindo que ele escreva um livro contando como a ação de seus inimigos na universidade teria provocado a morte dela. Zuckerman recusa, sugerindo que ele mesmo o escreva. Então ele vai e escreve o livro; e começa a travar amizade com o escritor até que alguns meses depois morre em um acidente de carro. Como Zuckerman acredita que ele foi assassinado, e com base nas informações que a irmã de Coleman Silk revelará após o enterro do irmão, tomará motivação suficiente para começar a escrever a estória do professor.

Em *A marca humana*, a questão da moral começa a ganhar corpo quando Zuckerman expõe as reações dos personagens do romance diante da atitude do professor Coleman Silk de, após a morte da esposa, tomar como amante aos setenta e um anos de idade uma faxineira analfabeta quase quarenta anos mais nova, acusada de negligência alguns anos antes ao esquecer seus dois filhos fechados em casa e tê-los encontrado mais tarde mortos por asfixia. A forma como o autor expõe as condenações de professores da universidade ao caso amoroso de Coleman Silk suscitam uma comparação com o que Maffesoli (2005) sugere sobre a espécie de moralismo que age em posição de ataque para eliminar qualquer suspeita que eventualmente paire sobre si. Isto fica claro, entre outras situações, na narração de uma cena em que a professora que mais se opõe a Coleman Silk escreve a um site de acompanhantes masculinos pedindo alguém com a exata descrição do professor; em seguida, comete um erro e direciona a mensagem para o grupo de e-mails de todos os

professores da universidade, tomando com isso a resolução de forjar um arrombamento em sua sala e acusar o professor Coleman Silk de ter entrado e escrito a mensagem de seu computador – e logo depois enlouquecendo ao comunicar a “invasão” à polícia e reiterar a acusação mesmo ao ficar sabendo que o professor havia recém morrido num acidente de carro.



Philip Roth

O moralismo trabalhado por Maffesoli (2005) também está presente no clima que Philip Roth constrói no romance. Estamos no verão de 1999 nos Estados Unidos, imediatamente após o escândalo envolvendo o presidente Bill Clinton e a estagiária Monica Lewinski, e o que se tem é uma espécie de castidade espalhada por todo o país. No momento em que o representante principal da nação é acusado de ter traído a primeira-dama ao se envolver com uma estagiária, e nega diante das câmeras o fato de ter tido relações sexuais com ela, o país mergulha num sentimento de proteção individual que o autor reconstrói quase que integralmente no romance. Quando o ex-marido da faxineira, um ex-soldado que lutou na Guerra do Vietnã e que conserva as principais matizes da Laica Moralista de Lipovetsky (2004) – dever à família, ética abnegada, sacrifício à pátria – está perseguindo-a e condenando-a por andar com um judeu com quem ele a acusa de partilhar as mesmas preferências sexuais expostas no escândalo Clinton-Lewinski; quando depois ele assassina ambos jogando de madrugada a sua caminhonete contra o carro deles em uma curva na estrada, o boato que corre entre os habitantes da cidade é que, pelo estado das roupas do professor Coleman Silk e da faxineira, pela suposta posição dos corpos quando encontrados após o acidente, ela estaria praticando sexo oral no momento em que o carro

despencava do precipício, o que poderia ser a causa do acidente – e que muito conviria ao ex-marido dela.

E o fechamento da estória, quando Nathan Zuckerman reúne as informações da irmã negra do professor Coleman Silk e tem nas mãos seu novo romance *A marca humana* revela aos leitores uma faceta que carrega consigo uma parcela do individualismo atinente a uma das fases da moral propostas por Lipovetsky (2004), a fase pós-moralista, embora Philip Roth alivie o professor acusado de racismo em sala de aula de todo caráter ético ao mostrar que na verdade ele mesmo era um negro, porém um negro de pele mais clara, um filho de negros que, de tanto ver a família sofrer preconceito, mente a cor da pele quando entra na universidade e cria com isso uma falsa identidade judaica, assumindo-a integralmente e afastando para sempre a família de perto de si. Portanto, no subtexto, uma defesa que na sua essência constitui um ato de racismo muito anterior.

UMA VISÃO HISTÓRICA

Se por meio da leitura da ‘Trilogia da América’ podemos compor uma analogia com fenômenos de nossa contemporaneidade – como a questão da proximidade e da distância, do espetáculo e da moral –, devemos ganhar alturas e com isso enxergar não apenas fenômenos internos à obra, mas também questões históricas que pavimentam o caminho da escolha de um autor por determinados temas.

Por que, além dos aspectos já discutidos aqui, há temas recorrentes na obra do escritor Philip Roth? Respeitando-se questões de estilo e abstendo-se do foco de análise da repetida presença de um narrador-personagem, por que o autor invariavelmente opta por uma conflitiva ligada de um lado a aspectos macro da realidade político-econômica americana e de outro à inserção de personagens judeus em um determinado modo de vida de um país onde gerações anteriores às suas decidiram aportar, no caso os Estados Unidos da América?

Berlin (2005) explica de modo preciso a influência da questão da assimilação judaica sobre a produção cultural de épocas antigas. Traçando um paralelo ao efeito do iluminismo sobre a proliferação mundo afora da população judaica e

de como, ao longo dos anos, os judeus se viram frente a repetidas situações como a de “... viajantes que por algum acidente se descobrissem entre uma tribo cujos costumes não lhes eram familiares (Berlin, 2005, pág. 233)”, ele ilustra a questão dos diferentes níveis de assimilação dos “estranhos” aos hábitos e modos de comportamento da “tribo” junto à qual escolheram viver. Há, entre os estranhos, desde judeus que se assimilaram completamente ao *modus vivendi* das tribos onde aportaram até judeus que mantiveram praticamente intacta a sua identidade e suas raízes. A *judenfrage* antiga dizia respeito a como o judaísmo poderia proliferar sem deixar de lado seus costumes, sua tradição e suas exigências frente a novas demandas de modos de vida de lugares diferentes, leis diferentes, culturas diferentes e também povos diferentes na medida que se imiscuir era natural, *necessário* a um judeu que quisesse sobreviver em um mundo diferente.

Segundo Berlin (2005), a primeira tarefa ligada à sobrevivência dos novos moradores passa por compreender todos os comportamentos e idiosincrasias da tribo; seus moradores, do contrário, já nascem com isso pronto – não vivem o tempo inteiro precisando ter consciência de como os processos do dia a dia são executados, apenas vivem. Os judeus, por sua vez, em cada parte do mundo para onde emigraram se depararam com uma situação em que era inevitável compreender, adaptar e explicar comportamentos, as redes sociais, a sistemática da vida na nova tribo uma vez que *conhecimentos* deviam ser transmitidos a seus pares. Daí que segundo Berlin (2005), com ou sem o reconhecimento da tribo “... os estranhos se tornam autoridades fundamentais sobre os nativos: codificam sua língua e seus costumes, compõem os dicionários e as enciclopédias na tribo, interpretam a sociedade nativa para o mundo exterior (pág. 234)”.

É partindo desse ponto que podemos desencavar as raízes da escolha de muitos artistas judeus de dotar sua arte de uma certa temática relacionada a explicar, descrever a analisar o que diz respeito aos hábitos intrínsecos dos lugares onde escolheram viver. Segundo Berlin (2005), os grandes artistas, os *gênios* judeus de todos os tempos produziram suas obras voltadas a essa temática. Enquanto Goethe escreveu sobre a natureza e o amor, Heine escreveu sobre a Alemanha; enquanto Mendelssohn movia mundos pelo crescimento da música alemã, Mozart estava preocupado em compor. Portanto é natural que,

analisando sob esse aspecto, encontremos na obra de Philip Roth um forte componente de descrição do cenário americano, ainda que a tônica – e nada mais natural que isso – seja a inserção de personagens *judeus* nesse cenário. Não é por acaso que, embora num tônus mais leve, o mesmo aconteça com a obra de Norman Mailer. Quando esses autores decidem escrever sobre política; quando optam por focar nos escândalos, fazer projeções, ligar de modo quase visceral os personagens a realidades como a Guerra do Vietnã, o comunismo, o *New Deal*, o *Watergate*, as primárias de eleições, o escândalo Clinton-Lewinski para mencionar apenas algumas – estão ao mesmo tempo colorindo suas obras com a verossimilhança de um elaborado cenário conflitivo e também reproduzindo, ao longo dos séculos, ainda que muitas vezes de maneira inconsciente o comportamento ou mesmo a responsabilidade dos outros gênios que os antecederam.

NOTAS

*Professor em nível de Graduação dos Cursos de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da FAMECOS-PUC/RS.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (1992). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUDRILLARD, Jean (1992). **Da sedução**. Campinas: Papirus Editora, 6ª ed.
- BAUDRILLARD, Jean (2003). **Power inferno**. Porto Alegre: Editora Sulina.
- BERLIN, Isaiah (2005). **A força das idéias**. São Paulo: Companhia das Letras.
- DEBORD, Guy (1997). **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto Editora.
- LIPOVETSKY, Gilles (2004). **Metamorfoses da cultura liberal - ética, mídia, empresa**. Porto Alegre: Editora Sulina.
- MAFFESOLI, Michel (2005). **O mistério da conjunção - ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Editora Sulina.
- ROTH, Philip (1997). **Pastoral americana**. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROTH, Philip (1998). **Casei com um comunista**. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROTH, Philip (2000). **A marca humana**. São Paulo: Companhia das Letras.